

## **Trinta e mais trinta anos de Educação no Alentejo**

José Bravo Nico<sup>1</sup>

### **Começando...**

Vivemos hoje precisamente no meio dos sessenta anos do título que atribuí ao texto que vos apresento. Em qualquer metade de caminho, como aquele que sugiro, há sempre três possibilidades de olhar, tendo em vista medir a viagem: **olhar para trás**, para nos apercebermos do que já caminhámos; **olhar para os lados**, para medirmos a distância a que nos encontramos dos nossos companheiros de caminhada; **olhar para a frente**, para termos consciência do que nos falta percorrer para terminarmos a nossa viagem.

Quem vai cansado, normalmente vira-se mais para trás; quem deseja ir mais para diante, normalmente olha mais para a frente; quem só se preocupa em comparar-se com os outros – que, na esmagadora maioria das situações partiram muito tempo antes – normalmente passa a maior parte do tempo a olhar para os lados.

Quando pensamos e falamos da situação actual da Educação no Alentejo, é fundamental olhar para trás, para os lados e para diante: Se olharmos apenas para trás podemos observar as grandes mudanças que se registaram desde 1974; se olharmos só para os lados, ficaremos desmotivados quando nos comparamos com países que possuem índices educacionais –e também económicos e sociais – maiores e mais solidificados que os nossos; se passarmos a vida só a olhar para a frente, poderemos não ser suficientemente inteligentes e justos para com o nosso passado, onde tanta coisa melhorou e onde tantos(as) alentejanos(as) deram o seu melhor em prol da Educação na nossa região.

---

<sup>1</sup> Professor Auxiliar da Universidade de Évora, actualmente a exercer o cargo de Director Regional de Educação do Alentejo

Pensar e escrever sobre a Educação no Alentejo é, nestas circunstâncias, um exercício complexo e difícil, porque terá que ser desafiador para um futuro que queremos melhor e, simultaneamente, justo para um passado recente que foi melhor que aquilo que muitas vezes pensamos.

### **1. Olhando para trás...**

Há trinta anos, como estávamos, no que respeita à Educação no Alentejo? A taxa de analfabetismo era muito alta; o acesso e a permanência na escolaridade básica eram parciais e difíceis; as condições físicas e funcionais das escolas – que estavam presentes em todo o território – eram bem piores do que aquelas que hoje existem; o número de estudantes que acediam ao ensino superior era muito restrito; a rede regional de estabelecimentos de ensino superior era inexistente; a formação profissional era um conceito apenas teórico;

### **2. Olhando para os lados...**

Quando comparamos os nossos índices e taxas educacionais com indicadores equivalentes de outros países europeus – exercício absolutamente fundamental – facilmente verificaremos que, na generalidade destes exercícios comparativos, a nossa região fica nos lugares mais baixos das tabelas de seriação que resultam desses procedimentos. Se olharmos para trás, antes e depois de olharmos para o lado, dificilmente poderia deixar de ser de outra forma. Nenhum país ou região do mundo conseguiu, em trinta anos, recuperar atrasos educacionais de mais de um século.

No entanto, convém olhar para o lado, para podermos aprender com os que já vão um pouco mais à frente que nós. A nossa desvantagem relativa pode ser penalizadora, mas também pode ser uma boa oportunidade de evitar erros já cometidos e retirar o devido aproveitamento das boas experiências que foram concretizadas noutras regiões e países, demograficamente equivalentes à nossa região (casos da Irlanda, Galiza, Extremadura, etc.)

### **3. Olhando para a frente...**

Nos próximos trinta anos, o *salto de desenvolvimento educacional* a dar deverá ter uma magnitude equivalente ao do *salto* concretizado nos últimos trinta anos. Só

assim nos poderemos aproximar decisivamente do nosso destino: a equivalência de índices e taxas educacionais relativamente às outras regiões europeias.

Os esforços de investimento não podem diminuir e a gestão dos recursos físicos, humanos e financeiros deverá ser, cada vez mais, rigorosa, evitando desperdícios e redundâncias.

A rede de estabelecimentos dos ensinos pré-escolar e básico deve ser completamente modernizada e proporcionar às crianças alentejanas escolas da mais alta qualidade física, tecnológica e humana, nas quais possam aprender com as mesmas condições e dignidade que qualquer outra criança europeia.

As antigas escolas primárias – elementos fundamentais da nossa identidade territorial e social – não deverão ser, simplesmente, fechadas e abandonadas. Fácil, mas incompreensível, é fechar uma escola, em terra de baixas qualificações e ainda alto analfabetismo. Os edifícios escolares, que vão ficando disponíveis, deverão adquirir novas funcionalidades e ser abertos a novos públicos, que tanto necessitam de oportunidades de (re)qualificação.

A rede de oferta formativa na região alentejana deverá ser, cada vez mais, alvo de gestão estratégica supra municipal e interinstitucional, de molde a que não ocorram as redundâncias autofágicas que hoje se verificam e para que as oportunidades de qualificação possuam a melhor qualidade possível e se assumam como um dos mais importantes instrumentos para o desenvolvimento regional. As escolas públicas devem articular-se com as escolas privadas e todas estas com os centros de formação profissional e com a rede de formação disponibilizada pelas associações de desenvolvimento local.

A rede de ensino superior público regional – constituída pela Universidade de Évora e pelos Institutos Politécnicos de Beja e de Portalegre –, inexistente há trinta anos atrás, necessita hoje de reflexão urgente, com sentido estratégico e dimensão regional, por forma a serem ultrapassadas as consequências de um nascimento difícil e tardio seguido de um crescimento rápido e pouco articulado com a demografia previsível e as necessidades de uma região que tarda em encontrar na inovação e na tecnologia um dos vértices do seu desenvolvimento.

A aprendizagem e a requalificação cultural e profissional deverá ser uma realidade quotidiana, presente nas empresas e nas comunidades, para que qualquer alentejano(a) possa adquirir e praticar o hábito de aprender.

### **Concluindo...**

No Alentejo não são possíveis modelos de desenvolvimento económico e social alicerçados em indústrias com necessidades de muita mão-de-obra. A nossa realidade demográfica diz-nos, há muitos anos, que o nosso desenvolvimento irá fazer-se com poucas pessoas, porque, na realidade, somos só aqueles que somos. Sendo poucos, temos de ser melhores, muito melhores que aquilo que somos hoje. A nossa nova agricultura, a nossa nova indústria, o nosso turismo, exigem recursos humanos muito qualificados. Esses recursos humanos de que o Alentejo necessita para o século XXI, são os(as) alentejanos(as) que aqui vivem. Somos nós, esses alentejanos(as). Somos nós que teremos que construir essa última grande infra-estrutura que falta edificar no Alentejo: o *Alqueva Humano*. Uma barragem de desenvolvimento que estanque o despovoamento que nos esvazia e que faça nascer, na nossa região, uma nova fileira económica que é fundamental em todas as sociedades desenvolvidas da Europa e do Mundo: a fileira do conhecimento. Nos últimos trinta anos fizemos muito. Nos próximos trinta anos teremos que fazer muito mais. É esta a nossa grande empreitada!